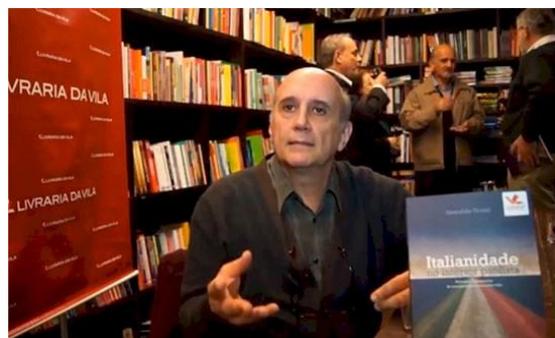




**MIGRAÇÕES, REDES E  
DEBATES:  
DIÁLOGOS SOBRE A  
TRAJETÓRIA  
SOCIOLÓGICA DE  
OSWALDO MARIO SERRA  
TRUZZI**



*Imagem: Editora UNESP*

 10.5935/2177-6644.20230049

**Rhuan Targino Zaleski Trindade \***

 [0000-0002-6239-1962](https://orcid.org/0000-0002-6239-1962)

**Vania Vaz \*\***

 [0000-0003-1524-7383](https://orcid.org/0000-0003-1524-7383)

**Bruno César Pereira \*\*\***

 [0000-0002-7975-6024](https://orcid.org/0000-0002-7975-6024)

Fechando este número da Revista TEL, contamos com a entrevista do professor e pesquisador Dr. Oswaldo Truzzi. Graduado em Engenharia de Produção pela Universidade de São Paulo (USP) em 1979, Mestre em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) em 1985 e Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em 1993. Atualmente docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

---

\* Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Professor Colaborador do Departamento de História (DEHIS/I) da Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO, *Campus Irati*.  [2291069908982492](https://orcid.org/2291069908982492) - E-mail: [rhuan.trindade@hotmail.com](mailto:rhuan.trindade@hotmail.com).

\*\* Doutora em História pela *Université de Rennes 2*. Professora Colaboradora do Departamento de História (DEHIS/I) da Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO, *Campus Irati*.  [3418933345650370](https://orcid.org/3418933345650370) - E-mail: [vaniavaz22@hotmail.com](mailto:vaniavaz22@hotmail.com).

\*\*\* Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, com bolsa financiada pela Coordenação de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Pesquisador vinculado ao Grupo Terra, Trabalho, Memória e Migração.  [4804034110506202](https://orcid.org/4804034110506202) - E-mail: [bruno\\_o8cesar@outlook.com](mailto:bruno_o8cesar@outlook.com).

Ao longo de nossa conversa, Truzzi nos relatou um pouco de sua trajetória acadêmica, da inusitada mudança de campo entre mestrado e o doutorado, das Ciências Sociais Aplicadas à Sociologia; de seu interesse pela História Social das Migrações, de suas resistências iniciais aos temas de estudo de seu doutoramento e principal trabalho, sobre imigrantes sírios e libaneses, de suas recentes pesquisas acerca da Sociologia das Migrações e da importância do diálogo entre os estudos empíricos e teóricos, ou melhor, como nos fala o entrevistado, da importância de termos os pés nestas “duas canoas”.

A entrevista aqui transcrita ocorreu ao longo do final da tarde de 17 de agosto, uma sexta-feira, através da Plataforma *Google Meet*; Truzzi e um dos entrevistadores em São Carlos e os demais na cidade de Irati, Paraná.

Agradecemos imensamente Oswaldo Truzzi por compartilhar conosco e com o público leitor um pouco de sua trajetória.

### **Entrevista**

*Rhuan Trindade:* Boa tarde, Professor. Primeiramente agradecemos o aceite em conceder esta entrevista. O professor, até no texto que mandou para a gente<sup>1</sup> e em outras oportunidades comentou de como a questão das migrações - de se tornar um pesquisador “migrólogo”, como você diz - e o aprofundamento nesta temática tinha que ver com as suas relações familiares, suas origens familiares, origens migrantes na Itália e em Portugal. Inicialmente, então, a gente gostaria de ouvir o professor, se poderia explorar um pouco mais essa temática autobiográfica das suas origens migrantes e como influenciaram e aparecem nas tuas pesquisas, na tua trajetória intelectual.

*Oswaldo Truzzi:* Em primeiro lugar, gostaria muito de agradecer o convite de vocês, fico muito honrado com ele. Sobre essa questão que você coloca, eu acho em primeiro lugar, que a pessoa que vai se dedicar a uma dissertação de mestrado ou a um doutorado, ele tem que ter muita vontade de estudar o tema, entendeu, porque senão a coisa não vai, senão a pessoa fica, vamos dizer, para usar uma linguagem mais chula, fica “empurrando com a barriga”. Então eu acho que a motivação, a curiosidade, a vontade de estudar aquilo mais a fundo, de se dedicar [...] eu digo para os meus orientandos que quando o orientando está realmente

---

<sup>1</sup> Ver: Truzzi, 2021.

envolvido com o seu trabalho, ele começa a sonhar com ele [risos]. Bom, então eu sempre tive muita curiosidade, de saber um pouco sobre [...] bem eu sou de uma geração que sempre acreditou que tudo no mundo é explicado pela História, hoje já não tenho muito essa posição, não é bem assim, mas enfim, então eu tinha muita curiosidade de saber a história, minha história familiar, ou seja, de minhas origens, sobre meus bisavós que migraram, por que que vieram aqui e infelizmente eu consegui formular isso quando os meus avós já haviam falecido. Faleceram muito cedo, tanto o avô paterno, quanto o materno, uma avó materna eu ainda consegui conviver um pouco mais com ela, mas os outros três, não. Quando faleceram, para mim ainda não era uma questão importante, e, aos poucos, quando eu comecei a me aproximar, entrar na faculdade e fazer essa trajetória, meio “maluca” de um campo disciplinar para outro, bem distante, eu comecei a me interessar sobre isso, comecei a perguntar inicialmente para o meu pai, que sabia muito pouco, e assim comecei a ter cada vez mais curiosidade. Quando a gente sabe pouco de um assunto, e tem curiosidade, aí a gente fica meio mordido. Então, eu acho que esse foi, sem dúvida, um incentivo inicial para eu me aprofundar no tema. Mas ele, só ele não basta, porque você pode fazer isso, sei lá, como um *hobby*, se dedicar no fim de semana à genealogia, coisas assim. Mas eu queria realmente compreender os processos sociais, porque eu não queria só construir uma árvore genealógica, eu queria entender as causas, os motivos, todas as circunstâncias que cercaram, vamos dizer, não só a minha história, mas a história familiar minha e de outras pessoas, outros agentes sociais, que eu achava relevante. Mesmo porque a gente só percebe a posição social onde se está em relação aos outros, no convívio social, por assim dizer.

Desde o mestrado [1985], onde estudei a região aqui onde eu trabalho e resido, que é São Carlos, eu tinha muita curiosidade de saber como foi a história social da região. Mas para fazer uma história social da região, você precisa conhecer um pouco a trajetória dos trabalhadores de diversos estratos sociais, de diversas raças, a história das elites, das famílias que dominavam a região, enfim, então eu achava que isso na região onde eu estou, tem muito a ver com a imigração, aliás, a história do estado de São Paulo, de modo geral. Assim eu acredito. Como também as do Paraná, do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, do Espírito Santo, são muito tributárias dos processos migratórios, sem querer, com isso, menosprezar as populações nativas, as populações anteriores, a população escravizada já existente e seus descendentes, enfim, mas eu acho que comecei por aí, entendeu. Isso que me atraiu inicialmente.

*Rhuan Trindade:* Aproveitando que o senhor comentou o quão, de fato, pelo menos para gerar o interesse, foram importantes essas origens migrantes, queria que o professor comentasse um pouco sobre a experiência da pesquisa com grupos de imigrantes e descendentes, sobretudo, os sírios e libaneses, com o quais o professor não tinha um vínculo direto, de “pertença étnica”, se a gente quiser dizer assim, entre aspas, como foi acessar esse grupo e a própria experiência do desenvolvimento da pesquisa para entender esse processo social, não necessariamente fazendo parte do grupo analisado?

*Oswaldo Truzzi:* Bom, eu queria fazer um reparo na minha colocação anterior. Eu não quero que entendam que você só pode eleger como objeto de estudo algo que tenha que ver com a sua história. Não é isso absolutamente, porque quando a gente abarca um desafio de fazer ciência, é preciso ter um equilíbrio entre uma certa familiaridade com o objeto, mas ao mesmo tempo, é muito importante manter uma certa distância. Do contrário, caímos no senso comum, com todos os perigos aí embutidos, como começar a ser seduzido pelo objeto, fazer uma história muito enaltecida sobre aquilo que se deseja investigar, como é comum, por exemplo, no trabalho de alguns memorialistas. Cada cidade tem o seu, normalmente tem um memorialista de plantão e ele começa – nem todos, claro - a dizer que a cidade dele é o máximo, que não sei quem é um grande personagem, enfim. Então é preciso muita vigilância, uma certa vigilância metodológica, um equilíbrio entre você ter uma certa aproximação ao objeto, mas ao mesmo tempo guardar uma certa distância. Essa aproximação pode ser, do ponto de vista da sua história familiar, ou pode ser do ponto de vista do interesse. Às vezes, eu tenho uma certa queda, eu me interessava por estudar o movimento dos trabalhadores sem-teto, mesmo que eu nunca tenha sido um sem-teto, que eu nunca tivesse tido na família uma experiência, de algum familiar que tenha passado por essa contingência, então não precisa ser necessariamente uma experiência pessoal. Bom, acabei fugindo da sua pergunta [risos].

*Rhuan Trindade:* É que por vezes, assim, para ter acesso a eventuais dados dos grupos, eventuais associações e tal, por vezes, pode ser um dado relevante, então pensar dentro das pesquisas se isso afetou ou não, de alguma forma?

*Oswaldo Truzzi:* Não, então, no meu caso, como é que eu fui cair nessa coisa dos sírios e libaneses, que foi minha tese de doutorado [1993]? Talvez tenha sido a coisa mais relevante, ou pelo menos, que mais sucesso fez, de tudo que eu escrevi até agora. Então, eu havia iniciado o meu mestrado na FGV [Fundação Getúlio Vargas] de São Paulo, era uma época da ditadura, início dos anos 1980 e a FGV, embora fosse uma escola de formação de quadros de elite, em Administração, por exemplo, naquela época ela acabou abrigando, talvez pela circunstância do momento político, vários professores da área de Ciências Sociais, e tinha também um departamento de Economia bastante forte. Então eu acabei tendo aula com muitas pessoas interessantes, então eu cito aqui a pessoa que se tornou meu orientador, que é o Sérgio Miceli, antes dele, eu passei pela orientação do professor Vilmar Faria, que era um sociólogo, que mexia com sociologia urbana, que era bastante articulado, depois, frequentei muitos cursos do professor Bresser-Pereira, eu tive aula com o professor Nakano, tive aula com Maurício Tragtenberg, que era outra visão, enfim, eu acho que a FGV de São Paulo, ela me propiciou uma formação bastante diversificada. Eu fiquei tão entusiasmado com a FGV, que era uma escola paga, a gente pagava por crédito cursado, que acabei fazendo 19 disciplinas no mestrado... bom, está certo que na época o mestrado era de 5 anos, tinha 5 anos de prazo, então isso também ajudava e, em meio a esses 5 anos, a FGV tinha um convênio com uma escola congênere na França, que era a *École des Hautes Études Commerciales*, ela era uma escola de administração, como a FGV era aqui. Ela mantinha esse convênio, eu me candidatei, acabei sendo selecionado e passei um ano nessa escola lá, nos arredores de Paris. E a escola em si, eu confesso, me interessou muito pouco. A FGV era uma escola mais aberta, mais aberta à área de Humanidades, enquanto lá era uma escola mais fechada, muito focada na questão da Administração. E na FGV eu já fazia, eu tinha elegido como área, Planejamento Urbano, então meu mestrado, minha área de concentração era Administração e Planejamento Urbano. Então eu aproveitei a proximidade de Paris e acabei fazendo lá alguns cursos. Fiz o mínimo de cursos na escola mesmo de Administração e acabei frequentando outras aulas com o Celso Furtado, que estava lá essa época, com outras pessoas interessantes e, inclusive eu me lembro de uma coisa para mim muito marcante, foi que eu assisti a aula inaugural de Pierre Bourdieu no *Collège de France*, eu confesso que eu compreendi muito pouco [risos], eu não tinha formação para aquilo, mas eu intuí - já tinha lido alguma coisa dele - que aquela figura era muito importante e inovadora na Sociologia, nas Ciências Sociais de modo geral.

Então, eu voltando de lá, como era dessa área de Planejamento Urbano e tal, e já trabalhava na universidade (entrei muito jovem, com 23 anos como professor), e já residia em São Carlos, eu pensei: ‘eu quero estudar, fazer uma história regional, quero entender esse lugar, onde provavelmente vou ficar por muito tempo’. E de fato eu estou aqui há 40 e tantos anos. Então articulei um tema de mestrado que é um pouco uma história regional da região e nessa história regional, o peso da imigração era bastante grande, sobretudo da imigração italiana, muito forte no estado de São Paulo. Defendi meu mestrado, fui bem sucedido, logo saiu um livro e ingressei no doutorado em Ciências Sociais na Unicamp, para onde meu orientador havia se transferido. Ele também trabalhava em um instituto de pesquisa, o IDESP. Ali estava se montando um grupo, com o professor Boris Fausto, para estudar as migrações urbanas, que vieram a São Paulo. Havia um diagnóstico que as migrações rurais haviam sido já relativamente bem estudadas, sobretudo, pelos brasilianistas, pelo Thomas Holloway, Michael Hall, José de Souza Martins, Angelo Trento, que estudou os italianos, e outros. Mas a maior parte deles apanharam os imigrantes no campo. Havia essa lacuna, de poucos terem estudado as migrações urbanas. Aí eles convidaram algumas pessoas, montaram uma equipe e na hora de dividir o trabalho, eu, com uma certa relutância, acabei ficando com os sírios e libaneses. Eu não tinha nada, nada a ver com os sírios e libaneses na minha ancestralidade, eu não tinha muito contato com a colônia, então eu resisti um pouco, mas eles acabaram me convencendo que eu tinha jeito e habilidade para isso e tal, e foi assim que eu acabei entrando nesse desafio de estudar os sírios e libaneses. O que mostra a importância de você estar articulado a um grupo de pesquisa, que um pouco te direciona. Se fosse só por mim, eu jamais teria enfrentado esse tema, era um objeto que não me passava pela cabeça, não havia razão para isso. Mas eles me convenceram de que era um grupo interessante, que existia uma série de fontes ainda não exploradas, enfim, acabei seguindo essa trilha.

*Rhuan Trindade:* Dentro dessa trilha que o professor seguiu, o professor comentou até anteriormente, do interesse, da preferência pela escala regional e local nos estudos migratórios, o senhor poderia comentar um pouco mais sobre esse aspecto específico da pesquisa?

*Oswaldo Truzzi:* No caso dessa pesquisa, isso foi menos marcado, porque estava centrada no estado de São Paulo, sobretudo na capital, é verdade. O mestrado teve muito mais esse perfil

local/regional, que depois do doutorado eu vou retomar um pouco. Hoje, por exemplo, eu estou me dedicando mais a estudar o chamado oeste paulista, que é um recorte regional claro. Essa região do estado de São Paulo, impactada pela economia cafeeira, tocada com braço livre, basicamente, com imigrantes. O que eu estou chamando de Oeste paulista, todo o estado de São Paulo menos a capital, menos as zonas litorâneas, menos o vale do Paraíba onde o café se desenvolveu a braço escravo.

Quando eu fiz o doutorado, bom aí eu praticamente ficava metade da semana em São Paulo e a primeira coisa que eu fiz foi ler tudo o que havia sido escrito sobre os sírios e libaneses, que era um volume razoável, mas tinha poucos trabalhos acadêmicos, tinha muita coisa, como eu citei, memorialistas, alguém da colônia falando bem da colônia, ou algumas autobiografias, coisas desse tipo. Então a primeira coisa que eu fiz foi ler isso, depois uma coisa que logo chamou atenção - claro, sempre amparado pelo Sérgio Miceli e pelo Boris Fausto, o que não é pouco relevante - foi a questão da mobilidade rápida intergeracional, quer dizer o cara chega como imigrante e o filho já vira doutor, a compreensão dos pais de que a vida atrás do balcão não era o que eles queriam para os filhos. A grande aspiração dos pais era de que seus filhos se tornassem doutores, porque aqui era uma terra de doutores [risos]. Naquela época, e mesmo hoje, em certa medida, quem desejasse para os filhos um pouco de mobilidade social, tinha que aspirar que o filho fosse doutor. Bom, o que eu exploro é isso, exploro isso de várias maneiras, do ponto de vista da economia, da ascensão econômica, desta trajetória mascate, pequeno varejo, atacado e eventualmente indústria; exploro isso do ponto de vista das identidades, ou seja, de como as identidades foram se transformando ao longo desta trajetória; exploro isso do ponto de vista da primeira geração, de como eles entram nas profissões liberais e o caminho depois das profissões liberais, meio que natural (já que têm dinheiro e têm títulos de doutor que legitimam a ascensão social), que é o de entrar na política, a entrada vigorosa da primeira geração dos filhos na política, tanto no interior quanto na capital. Ao longo do doutorado [1993], tive a oportunidade de passar um ano na Universidade de Chicago, onde comparei com os Estados Unidos, que também receberam contingentes de sírios e libaneses. Partem do mesmo lugar, mas com destinos diferentes, é um desenho de pesquisa ideal para você medir, vamos dizer assim, avaliar qual a influência do país de recepção para toda a trajetória dos sujeitos. Assim você compara os dois, ou seja, porque que lá foi de um jeito e aqui foi de outro, eu tenho [na tese] um capítulo comparativo, que depois até compôs o livro [1996]. O livro foi apreciado tanto pelo meio acadêmico

propriamente dito, ele fez grande sucesso, há pouco tempo atrás, por exemplo, uma editora americana se interessou por sua tradução e publicação [2018], ganhou até um prêmio por lá, enfim<sup>2</sup>. Ele tem um certo apelo acadêmico, mas, também, um apelo na colônia. A colônia se viu um pouco retratada no livro [risos], então eu acabei sendo convidado para falar muitas vezes em ambientes que têm mais a ver com a colônia, com a coisa étnica, do que com o meio acadêmico. Essa é um pouco da trajetória da minha tese de doutorado. A gente nunca se livra do que escreve [risos], até hoje eu vivo recebendo convites para participar de bancas, para dar palestras sobre esse tema, um tema que já faz décadas que eu estudei, mas sempre acabo estudando mais um pouquinho, mais uma coisa, um desmembramento aqui, um desenvolvimento acolá e a gente acaba se envolvendo.

*Rhuan Trindade:* Professor, aproveitando este ponto, o senhor poderia falar um pouco mais sobre as suas pesquisas recentes. Sobretudo de seus últimos trabalhos sobre a imigração russa, mas também de seu último livro, *Migrações internacionais no interior paulista: contextos, trajetórias e associativismo?*

*Oswaldo Truzzi:* Bem, os dois artigos que publiquei a respeito da imigração russa surgiram da oportunidade de trabalhar o tema com a Profa. Svetlana Ruseishvili, minha colega de departamento, e com o Prof. Sergey Ryazantsev, que usufrui de uma bolsa FAPESP e atua como professor visitante no PPGS da UFSCar [2023ab]. Ambos nasceram e se formaram na antiga União Soviética, de modo que vimos uma oportunidade para aprofundarmos o tema juntos, procurando combinar fontes bibliográficas do Brasil e da Rússia, essas para mim inéditas até então.

Em relação à última coletânea que organizei (*Migrações internacionais no interior paulista: contextos, trajetórias e associativismo*), procuramos explorar vários aspectos relacionados à imigração estrangeira no oeste paulista, região mais impactada pela economia cafeeira. Pesquisamos os contextos sob os quais a região atraiu muitos imigrantes, algumas características relacionadas às trajetórias mais comuns entre os grupos e a questão específica do associativismo étnico, explorada por meio de alguns casos. Tenho me dedicado a estudar o Oeste Paulista, aproveitando que resido praticamente no centro do estado e que tenho muitos

---

<sup>2</sup> Evelyn Shakir Non-Fiction Award Winner for the book *Syrian and Lebanese Patricios in Sao Paulo*, Arab-American National Museum, 2019.

contatos com pesquisadores que atuam na região. Estamos articulando um projeto amplo, que procura estudar não apenas os imigrantes estrangeiros, mas também a população negra, os migrantes internos (nordestinos e mineiros) e também as elites locais que se estabeleceram na região.

*Vania Vaz:* Obrigada, Professor. Foi um final de tarde prazeroso e produtivo para nós, porque a todo o momento da sua fala buscamos estudar e conhecer um pouco melhor sobre as questões, já conhecíamos alguns trabalhos do professor, e é importante elencar isso com sua trajetória de vida, e percebemos que isso tem questões muito fortes. O senhor gostaria de falar mais alguma coisa?

*Oswaldo Truzzi:* Uma coisa que eu acho que esqueci de mencionar, que é paralelamente importante, é se atualizar um pouco sobre a teoria, fazer um investimento não só empírico, mas também teórico. Eu acho que temos que dominar um pouco os grandes autores. Porque existem os autores clássicos da imigração, em São Paulo tem uns e no Paraná deve ter outros, eu conheci lá, quando eu era bem mais jovem, a Altiva Balhana e a companheira dela, eu conheci as duas, tem também os trabalhos de demografia super importantes do Professor Sérgio Nadalin, tem trabalhos na área de Antropologia que são importantes. Eu acho que na minha própria trajetória tem autores que me ajudaram muito. Eu tive contatos razoavelmente estreitos com a Professora Giralda Seyferth, que é uma antropóloga [e historiadora], a gente conviveu muito na ANPOCS [Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais] e também tive muito contato com os pesquisadores do Corpo Editorial da Revista *Estudos Migratórios Latino-Americanos* de Buenos Aires. Infelizmente ela já fechou, não está mais disponível, mas eu acho que foi ali que se produziu o que temos de mais relevante sobre a história das migrações internacionais na América Latina, que não é pouca coisa. No ano passado eu passei três meses em Buenos Aires fazendo pesquisa, e tive oportunidade de estreitar esses laços.

O artigo que mais tem sido citado, dos que escrevi, o que mais tem sido utilizado é um sobre redes em processos migratórios [*Redes em processos migratórios*, 2008]. Foi muito inspirado na minha experiência com os argentinos, porque eles já estavam mais à frente nisso. Então é preciso fazer essa reflexão teórica, eu escrevi um artigo também que foi publicado na *Revista Dados*, que se chama *Assimilação ressignificada* [2012], que é também uma reflexão sobre o

conceito de assimilação, então é uma coisa teórica, não brotou a partir do empírico, entendeu? Partiu de uma inquietação teórica, eu queria ver como ao longo do tempo o conceito de assimilação foi sendo utilizado por autores no Brasil e como nos Estados Unidos este conceito tinha recebido uma outra orientação diferente. Nós precisamos ter o pé nas duas canoas, eu gosto das coisas empíricas, trabalhar com as fontes é um motivo de satisfação, de descoberta e de fascínio, mas eu acho que a condução da pesquisa tem que ser guiada sempre por questões teóricas, porque senão você fica catando dados a esmo, eu acho que é muito importante um investimento teórico, entender e focar nas questões que interessam, o que é importante olhar, esse é um conselho que eu dou aos alunos, enfim.

Por fim, eu só queria dizer o seguinte, apesar da idade [risos], ainda estou na ativa, eu, a Professora Moraes, o Jacob e a Gloria<sup>3</sup>, os “anciões” do PPGS, estamos na ativa ainda, sigo tendo o maior prazer em receber alunos, sigo orientando ainda. Estou sempre de portas abertas para eventualmente orientar.

*Vania Vaz:* Obrigado, Professor.

*Oswaldo Truzzi:* Eu que agradeço.

## Referências

TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. **Patrícios** - Sírios e Libaneses em São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, 1993.

TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. **Patrícios:** Sírios e Libaneses em São Paulo. São Paulo: HUCITEC, 1997.

TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, v. 8, 2020, p.199-218.

TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. Assimilação ressignificada: novas interpretações de um velho conceito. **Dados - Revista de Ciências Sociais**, v. 55, n. 2, 2012, p. 517-553.

TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. **Syrian and Lebanese Patrícios in São Paulo:** From the Levant to Brazil. Chicago: University of Illinois Press, 2018.

---

<sup>3</sup> Professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. De engenheiro a "migrólogo": apontamentos de uma transição inusitada. In: Ennes, Marcelo; GOES, Alisson; MENESES, Cleber. **Migrações internacionais sob múltiplas perspectivas**. Aracaju: Criação Editora, 2021. p. 29-48.

TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. **Migrações internacionais no interior paulista**: contextos, trajetórias e associativismo. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

RYAZANTSEV, Sergey; TRUZZI, Oswaldo; SMIRNOV, Alexey; RUSEISHVILI, Svetlana. The History of Emigration from the Russian Empire to the United States from the Late 19th to the Early 20th Century. **Migration Law**, v. 2, p. 9-16, 2023a.

RYAZANTSEV, Sergey; SMIRNOV, Alexey; TRUZZI, Oswaldo; RUSEISHVILI, Svetlana. Emigration from the Russian Empire to Brazil in the late XIX and early XX centuries. **Bylye Gody**, v. 18, p. 842-857, 2023b.

*Entrevista submetida em: 13 de novembro de 2023.*

*Entrevista aprovada em: 23 de novembro de 2023.*